



LANÇAMENTO OBLÍQUO: EUGENIA MARIA E AS TRAJETÓRIAS DAS MULHERES DE NOVA MAZAGÃO NA AMAZÔNIA

Autores: Maycom Cristyan Leal de Araujo
Orientador: Prof. Antonio Otaviano Vieira Junior

INTRODUÇÃO

Todo corpo em lançamento permite que analisemos sua trajetória em um determinado espaço percorrido durante uma quantidade de tempo estabelecida. Essa ideia é amplamente analisada ao estudar o princípio do Lançamento Oblíquo na Física. Contudo, deixando de lado as fórmulas de geladeria, podemos ter uma visão genuína de como analisar um indivíduo dentro da história e seus diferentes deslocamentos no decorrer de um período. Cada sujeito, ao se mover de um ponto a outro, deixa rastros de sua trajetória, e compreender isso é atribuir significado individual a esses sujeitos. Entre os anos de 1769 e 1778 cerca de 2000 pessoas se deslocaram do norte da África para Lisboa. Depois da capital portuguesa para o Grão Pará e finalmente para o território escolhido no Cabo Norte, atual Amapá, para se alojar na vila de Nova Mazagão. Desse quantitativo que vieram por determinação da Coroa, cerca de 44% eram mulheres, cada uma com uma história única e uma rede de relações que se estendiam até a 4ª geração de uma família. Como é possível tantas figuras juntas possuírem identidade própria com tantas variáveis na conta? A posição em determinado instante; sua velocidade; A intensidade em um ponto específico; esses elementos foram fundamentais para compreender as mulheres mazaganistas, que desempenharam papéis centrais na construção de redes de contato, trabalho e liderança, especialmente ao gerenciarem seus lares. Mães e filhas; Avós e netas; Tias e sobrinhas. Entidades forçadas a se adaptar em um território amazônico único e repleto de desafios. Sua presença e tão forte que a primeira família que povoou a vila nova de Mazagão era chefiada por uma mulher

METODOLOGIA

A metodologia utilizada visa extrair informações dos documentos relacionados à retirada do povo mazaganense, como mapas de relações familiares, dado que eles fornecem um panorama detalhado das conexões entre os indivíduos que compunham a comunidade mazaganense - destacando os laços de parentesco e as redes de apoio estabelecidas, e autojustificações, pois apresentam reivindicações dos membros da comunidade, como direitos ou benefícios, e oferecem uma visão íntima das estratégias individuais e coletivas de adaptação e sobrevivência.

DESENVOLVIMENTO

Em 1769, Eugenia Maria, natural de Mazagão, é forçada a deixar sua terra luso-marroquina. Acompanhada de seus seis filhos, ela parte em direção a Lisboa, iniciando uma jornada marcada por desafios e incertezas. Sua configuração familiar inicial muda em Portugal com a perda do filho mais novo, Manoel, que partiu do antigo lar com meses de vida. Já em terras no Grão Pará a situação piora, em 1778 sua família inicialmente composta de 8 pessoas já perdeu mais da metade dos seus membros, restando apenas ela e seus 3 filhos. Eugenia e dois dos seus filhos foram os pioneiros em povoar Nova Mazagão. A tecelã de 54 anos fiava algodão em sua casa e com a ajuda de um escravizado, sustentava sua prole que não exercia as funções mais elevadas naquele período. E com seus 73 anos, Eugenia solicita ao Reino os devidos benefícios que ela, uma viúva de um soldado que lutou por e em Mazagão, merecia receber. Sua trajetória foi marcada por perdas familiares e culturais, e seu traço trágico infelizmente não é uma característica própria. Joaquina Azevedo, tal como Eugenia, também justificou ser viúva de um soldado para requerer o soldo pago as famílias que perderam seus chefes homens em Mazagão. Essa manobra constante na vida dessas mulheres era o caminho viável para se prover na vila. E tal iniciativa não ficava restrita viúvas, como o caso de D. Escolástica Maria que solicitou em nome de seu pai. Outras já dependiam do que os escravizados conseguiam ganhar, como D. Ana Joaquina, que contava com o trabalho de tecelagem de seu cativo para sustento. Ou também exerciam funções como cozer e costura para o seu sustento. Esses exemplos ilustram a complexidade das dinâmicas sociais e econômicas enfrentadas pelas mulheres em Mazagão quando chegaram na Amazônia, mostrando como elas se adaptavam e buscavam recursos para sustentar suas famílias em meio às adversidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eugenia Maria e Joaquina Azevedo, entre outras mulheres, demonstraram uma notável resiliência ao enfrentar perdas familiares e culturais significativas. Suas estratégias revelam uma habilidade impressionante de navegar em um ambiente adverso, e suas histórias nos lembram da importância de reconhecer e valorizar as contribuições das mulheres para a construção dessa comunidade. Em última análise, ao examinar as vidas das mulheres mazaganistas, somos lembrados da importância feminina na liderança familiar e comunitária, dado o papel em redes de apoio, trabalho e liderança, demonstrando uma capacidade extraordinária de adaptação e resistência. Suas histórias merecem ser contadas e celebradas como parte integrante da rica tapeçaria da história humana e na construção da comunidade mazaganista daquele período.

REFERÊNCIAS